

mobile

SPFC

inside

Ano 1, nº 3, Mar 2015

Cafú

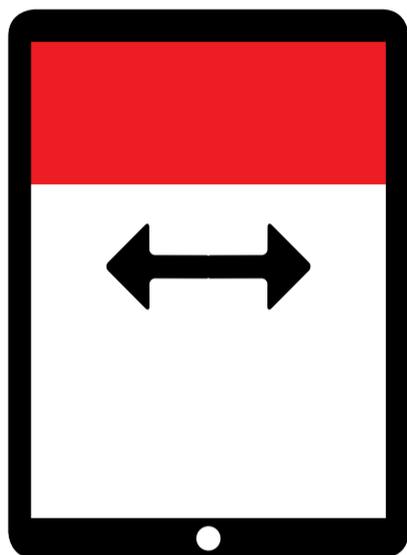
Sou são-paulino desde pequeno



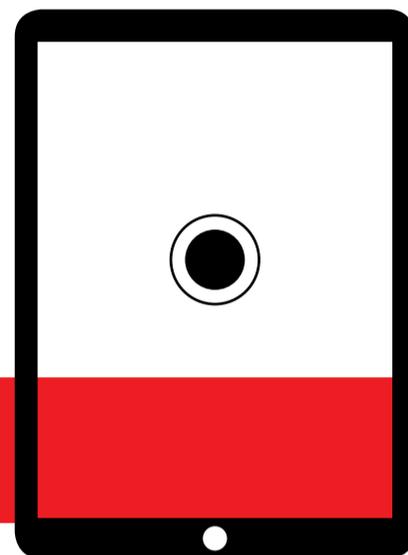
Como ler a SPFC **inside** no seu

TABLET OU SMARTPHONE

NAVEGAÇÃO BÁSICA

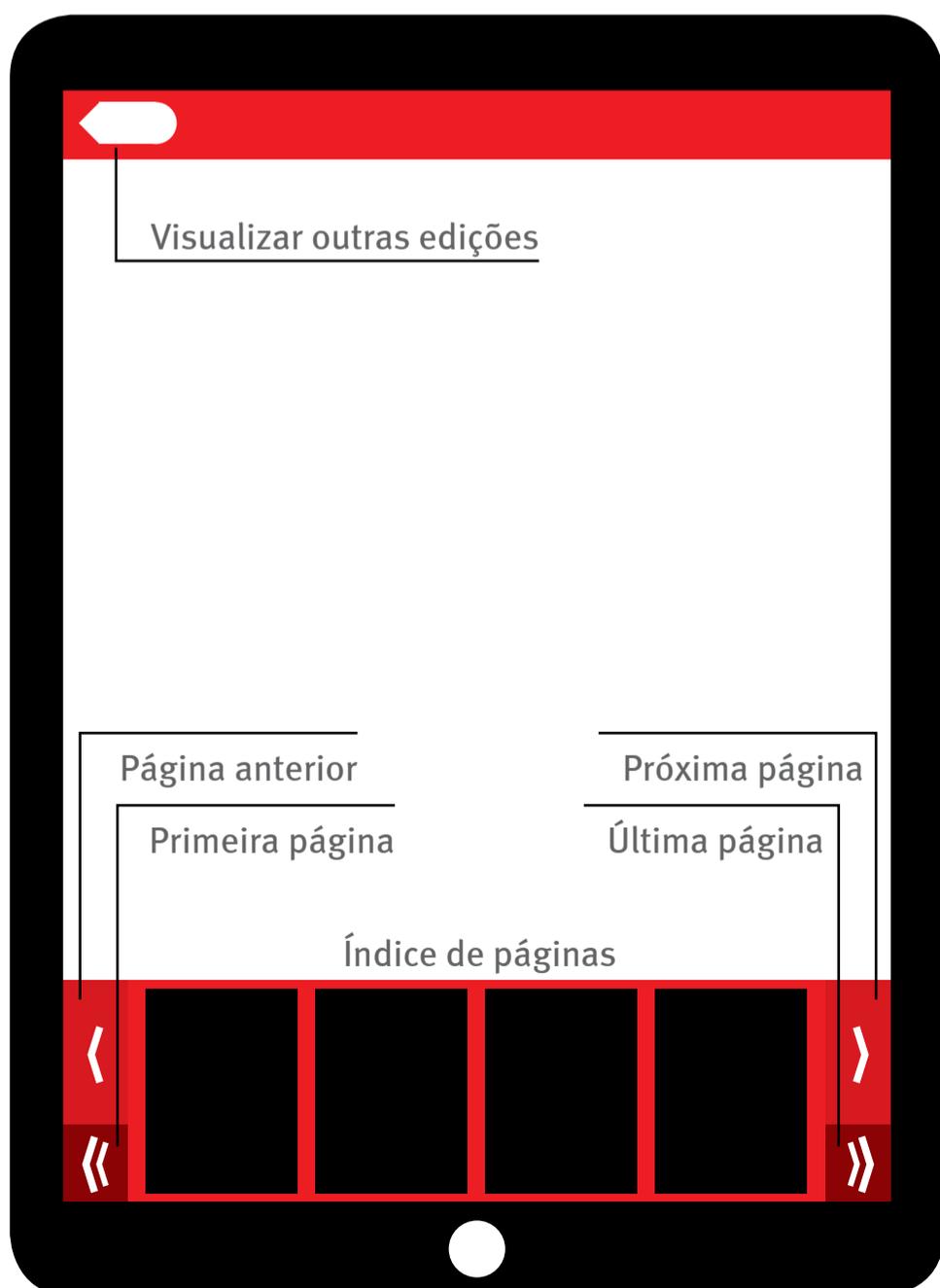


Deslize, horizontalmente,
para ir de página em página



Um toque no centro abre
os controles de navegação

CONTROLES E ÍCONES DE INTERATIVIDADE



Ícones



VÍDEO: toque para
assistir a um vídeo.



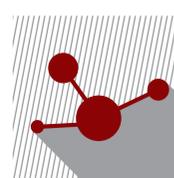
SLIDESHOW: passe o dedo para
visualizar as outras imagens.



ÁUDIO: toque para iniciar uma
trilha ou efeito sonoro.



TEXTO RESPONSIVO*: versão
web com texto na íntegra.



HIPERLINK*: redireciona para
um site externo no navegador.

*Necessário estar conectado à internet.

CIA ATHLETICA
ESTÁDIO MORUMBI.
PRA QUEM
É FÃ DE TREINO.

Sauna

Pilates

Descontos Especiais
para Shows e Eventos

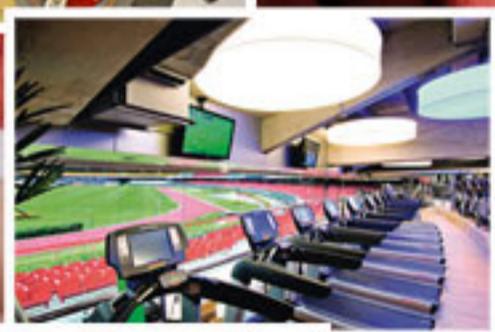
EQUIPAMENTOS
TOP DE LINHA NO MUNDO

Pista Externa
de Cooper

Camarote
Exclusivo

Estacionamento
gratuito

É muito
mais.



Mais conteúdo

Chegamos à terceira edição desta nova fase da revista SPFC Inside, versão mobile, e mais uma vez trazemos novidades para os nossos leitores.

Nesta edição temos como matéria principal, uma entrevista com Cafu, craque Tricolor que encheu o Morumbi de glórias na década de 1990 e alcançou um patamar no futebol brasileiro e mundial que muito poucos chegaram. Além de duas Libertadores e dois Mundiais pelo São Paulo FC, Marcos Evangelista de Moraes, mais conhecido como Cafu, chegou à incrível marca de disputar três finais de Copa do Mundo consecutivas (1994, 1998 e 2002) e trouxe dois títulos para o Brasil, sendo que no último (2002), levantou a taça como capitão do time. Nesta entrevista para a SPFC Inside, Cafu nos conta em alguns

depoimentos, o que o clube representou em sua vitoriosa carreira e ainda revela que sempre foi são-paulino de coração.

Trazemos também uma entrevista exclusiva com Paulo Henrique Ganso, que nos conta toda a preparação que tem feito para superar algumas limitações físicas que dificultavam sua movimentação e desempenho em campo. Completam a edição algumas novidades para o torcedor são-paulino ficar sabendo ainda mais sobre a história do Tricolor do Morumbi, uma lista de serviços para quem quer assistir aos jogos com todo o conforto e comodidade, os jogadores que se destacaram no mês, os jogos de abril e muito mais.

Aproveite sua revista e divulgue para todos seus amigos são-paulinos.

Boa leitura!

Dirceu Pereira Júnior



INVISTA NO
Relacionamento

DA SUA EMPRESA COM
CLIENTES E COLABORADORES

UN**Y**CO

Camarotes Corporativos

NOS PRINCIPAIS ESTÁDIOS BRASILEIROS

UnYco.com.br (11) 3078-2211

Sumário

depoimento



entrevista

sócio torcedor

tabela

história

álbum

feminino

calendário

serviços



A revista SPFC Inside, versão mobile, é uma publicação mensal desenvolvida pela Áurea Editora Ltda. com autorização do São Paulo Futebol Clube. A SPFC Inside não se responsabiliza por ideias e conceitos emitidos em artigos ou matérias assinadas que expressam apenas o pensamento dos autores, não representando necessariamente a opinião da direção da editora. A revista se reserva o direito de resumir cartas e artigos, quando for necessário.

EXPEDIENTE SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE | Presidente: Carlos Miguel C. Aidar. **Vice-presidente:** Júlio Casares **Vice-presidente de Comunicação e Marketing:** Douglas Schwartzmann. **Diretor de Comunicação:** Ricardo Granja. **Assessores de Imprensa:** Juca Pacheco e Felipe Espíndola. **Gerente de Comunicação:** Marcos Roberto Buemerad. **Supervisora:** Cinthia Savino. **Assistentes:** Cinthia Cotait, Erico Leonan, Igor Amorim, Paula Reina e Renata Lutfi. **Historiador:** Michael Serra. **Audiovisual:** Afonso Pastore e Wilson Ribeiro.

EXPEDIENTE ÁUREA EDITORA | Reportagens: Fernando Gavini, Maurício Rossi e Paulo Kehdi. **Revisão:** br7 Comunicação. **Editor:** Dirceu Pereira Jr. **Projeto Gráfico, Diagramação e Programação:** Marcos Monte Raso e Bruno Vleira Matos. **Webmaster Site:** Hnet Soluções em Internet. **Contato Comercial:** Dirceu Pereira Jr. (dirceu@aureaeditora.com.br). **Imagem de Capa:** Arquivo Histórico, Jairo Goldflus. Áurea Editora Ltda – Rua Áurea, 315 – Vila Mariana – São Paulo/SP – Tel./Fax: (11) 2614-0599 – www.aureaeditora.com.br

Restaurante by Koji



O restaurante by Koji, localizado no Morumbi Concept Hall é sinônimo de excelência no atendimento e na tradicional gastronomia japonesa. Com ambiente totalmente seguro e mais de 60 cadeiras cativas em área externa, a casa proporciona uma experiência única em dias de jogos e shows aos que desejam assistir o seu time do coração e sua banda favorita. Durante a semana, além da opção à la carte, a casa oferece o almoço executivo a R\$ 50,00 e se destacam as cartas de sakês e vinhos de primeira qualidade. Aos que desejam fazer suas reuniões e eventos particulares, o by Koji leva toda a qualidade do restaurante até você.

Alta gastronomia japonesa no Estádio do Morumbi

www.bykojirestaurante.com.br

Terça à sexta: 12h às 15h / 19h às 22h / Sábado: 12h às 16h / 19h às 23h
Domingo: 12h às 16h / 19h às 22h. Praça Roberto Gomes Pedrosa, 1
Portão 4 - Morumbi - tel: 11 3624-7710.



Cafu abre o coração

“Sou são-paulino desde pequeno”

Por Maurício Rossi



Fotos: Arquivo Histórico

A história de perseverança de Marcos Evangelista de Moraes, o Cafu, para se tornar jogador de futebol, é bem conhecida. Foram vários testes, nos mais diversos clubes. No São Paulo FC, não foi na primeira tentativa que ele ficou. A insistência nas chamadas peneiras deu resultado e ele se transformou em um fenômeno. Nenhum atleta atuou mais que ele pela Seleção Brasileira. Foram 149 jogos com camisa do Brasil.

Bicampeão do Mundo pelo Tricolor, Cafu foi o último capitão da Seleção Brasileira a erguer o troféu da conquista de uma Copa, em 2002. Oito anos antes, já havia feito parte do tetracampeonato da Seleção. Jogou ainda as Copas de 1998 e 2006.

Todo esse passado glorioso teve início no São Paulo, clube do coração de Cafu. “Sou são-paulino desde pequeno. Ia no estádio ver os jogos do São Paulo. Nasceu, então, esse carinho, amor e respeito pelo clube.”

A paixão pelo São Paulo ficou ainda maior quando Cafu realizou o grande sonho. “Depois que eu tive a oportunidade de me transformar em um atleta profissional do clube, em 1987, me senti um dos caras mais realizados do mundo.”



Cafu relembra a primeira oportunidade no time profissional

O Morumbi recebia um jogo de meio de Campeonato Brasileiro, em 1989, quando São Paulo e Fluminense faziam um clássico tricolor, um dos maiores do futebol nacional. O técnico são-paulino, na ocasião, era Carlos Alberto Silva. O treinador tinha entre os reservas, naquela noite no banco, um menino franzino, volante e com um nome diferente: Cafu.

spfc

i n s i d e

A revista oficial do São Paulo Futebol Clube



- Entrevistas exclusivas
- Bastidores do clube
- Perfil de ilustres torcedores
- O estilo tricolor de vida
- Craques que fizeram história
- E muito mais

Além desta versão digital, a SPFC Inside também está disponível numa versão impressa com padrão gráfico refinado e acabamento de primeira. Você pode fazer uma assinatura a preços promocionais para receber todas as edições em sua casa ou então pode adquirir exemplares avulsos (enquanto houver estoque disponível).

CLIQUE AQUI PARA ASSINAR A SPFC INSIDE E CONFIRA TODAS AS NOSSAS FORMAS DE PAGAMENTO.

CURTA NOSSA PÁGINA NO FACEBOOK - <https://www.facebook.com/spfcinside>

SPFC INSIDE – O UNIVERSO TRICOLOR COM MUITO ESTILO.



Com o São Paulo na frente do placar, Carlos Alberto resolveu promover a entrada do garoto em campo. Das arquibancadas, ouvia-se o coro, assim que o placar eletrônico anunciou o nome do jogador que entraria na partida: “Cafu! Cafu! Cafu!”. Um coro que foi ouvido inúmeras vezes dali para frente.

Essa primeira oportunidade foi agarrada por Cafu, que não esquece nenhum detalhe desse mágico momento. “Eu me lembro. O São Paulo ganhou de 4 a 1. O Carlos Alberto me colocou para eu pegar experiência, e ele queria me usar no jogo seguinte, que seria em Goiânia, contra o Goiás. Parecia que eu estava nas nuvens, quando ele me chamou para entrar. Estrear no gramado que sempre via da arquibancada, foi um momento ímpar”, relembra, emocionado, Cafu.

Um gol inesquecível na carreira. Jogo importante, final de campeonato paulista, no Morumbi. Era a primeira partida. Para viajar ao Japão tranquilo para a disputa do Mundial contra o Barcelona, o São Paulo entrou em campo com uma disposição acima do normal. Cafu e os companheiros naquela tarde de 5 de dezembro de 1992 comeram a bola.

Quem abriu a goleada de 4 a 2 sobre o rival foi Cafu. Um lindo gol, inesquecível, com o pé esquerdo. “Peguei um sem-pulo, lindo, diga-se de passagem”, relembra o sorridente Cafu. Ainda nesse jogo, a importância dele na partida foi fundamental. Além de ter feito um gol, participou dos outros três.

Entre o primeiro e o segundo jogos, a viagem para Tóquio. Um Mundial pela frente e, claro, os palmeirenses poderiam achar que encontrariam uma facilidade no duelo final. Não foi o que aconteceu. Nova vitória são-paulina, 2 a 1. “Achavam que iam ganhar fácil da gente, porque iríamos voltar cansados. Voltamos e fomos campeões”, explica Cafu.

Cafu e o bi da Libertadores: “tínhamos um time impressionante”

O primeiro título não dá para esquecer. Ainda mais quando ele é de uma Libertadores. Das três que o São Paulo venceu, Cafu esteve em duas. Em 1992 e 1993, ele estava no histórico time treinado por Telê Santana. “Os dois foram marcantes, mas o primeiro é inesquecível. Foi lá que o São Paulo passou a ser mais conhecido ainda, mundialmente.”



Para Cafu, algum time tirar aquele título do São Paulo seria muito difícil, já que o entrosamento da equipe dava gosto de ver em campo. “Era um time muito forte. A gente vinha de uma pegada muito boa. Tínhamos aquele “baixinho” do Palhinha, o Muller, o Raí. Era impressionante”, conclui Cafu.

Já no bicampeonato, Cafu pode ter vários momentos de boas lembranças. Mas uma, contada e vivida ao lado do amigo Raí, demonstra a eterna gratidão de Cafu. Após dar o passe para Raí marcar contra o Newell’s Old Boys, nas oitavas de final, jogo de volta, no Morumbi, Cafu recebeu um abraço do companheiro e disse a Raí: “você merece”. Palavras de reconhecimento pelo que era o jogador significava para o grupo. “O Raí sempre foi um baita profissional. Exemplo dentro e fora do campo. Ajudava a todos.” Naquele jogo, o São Paulo goleou por 4 a 0 o time argentino.

Novo Cafu é motivo de orgulho para o original

Recentemente, o São Paulo reforçou o elenco. Entre os jogadores que chegaram, um atacante chama a atenção pelo nome: Jonathan Cafu. O ex-atleta da Ponte Preta tem na camisa do Tricolor, nas costas, a palavra Cafu. Motivo de orgulho, claro, para quem fez história com esse apelido no São Paulo. “Parece que sou eu dentro de campo”, sorri e conclui: “Fiquei muito feliz de ver meu nome, de novo, e a torcida gritando.”

Cafu brinca com o novo jogador são-paulino. “Se fizer coisa boa, sou eu. Se fizer coisa ruim, é o Jonathan”, diverte-se o eterno ídolo. Aos poucos, o novo Cafu entra no time de Muricy Ramalho. Sempre que é solicitado, entra em campo e vai bem. Até um gol na Libertadores, o novo Cafu já tem.



Imagem: Rubens Chirri

Camarote Tricolor

Confira algumas imagens dos Sócios Torcedores que participaram da promoção do programa e tiveram a oportunidade de assistir um jogo do Tricolor no Camarote Exclusivo com a presença de ilustres convidados.

sócio torcedor

SPFC X MARÍLIA - 22/03/2015

Com a presença da musa do São Paulo, Nivea Kalmar, na entrega de prêmios no sorteio do intervalo.





SPFC X SAN LORENZO 18/03/2015

Com a ilustre presença de Raí na entrega de prêmios no sorteio do intervalo.



ENTRE PARA O TIME

SÓCIO TORCEDOR TEM
DIVERSAS VANTAGENS.
A MAIOR DELAS É VER
O TRICOLOR CADA
VEZ MAIS FORTE.

SOCIOTORCEDOR.COM.BR
0800 0 92 93 05



Determinado a brilhar

Ganso tem feito hora extra nos treinos do São Paulo para aprimorar velocidade e agilidade



Trabalho específico

Paulo Henrique Ganso sabe a qualidade que tem. Reconhece a responsabilidade que é vestir a camisa 10 do São Paulo. Por isso, não se acomoda. Determinado a brilhar, o meia não tem poupado esforços e tem feito hora extra nos treinos para ver seu desempenho dentro de campo evoluir.

Como tem feito desde que chegou ao São Paulo, Ganso chega antes da maioria do elenco para trabalhar com os preparadores físicos. No início, o planejamento era para que ele pudesse deixar de lado o passado de lesões, que tanto o atrapalhou no Santos. Uma vez atingido esse objetivo, o foco é desenvolver a musculatura de fibras rápidas para que o meia possa ganhar mais agilidade durante as partidas. “Preciso de mais agilidade, mais mobilidade para dar uma arrancada mais forte”, afirma o jogador. “Já sinto muita diferença. Antes eu sentia que não tinha força para me deslocar, sair de um lado para o outro. Hoje eu já faço isso com muita facilidade. Para mim, já é natural fazer isso para fugir da marcação e antes eu não conseguia”.



O Morumbi como você nunca viu.



O Cícero Pompeu de Toledo é o maior estádio particular de futebol do Brasil, considerado patrimônio histórico pelo governo de São Paulo.

Conheça o memorial de conquistas do Tricolor, a sala de imprensa, a área de aquecimento, os vestiários, o túnel de acesso ao campo e o gramado do Morumbi.

Faça já sua reserva: 11 3739.5222



atendimento@morumbitour.com.br
www.morumbitour.com.br



MORUMBI
TOUR 



Técnica faz diferença

O reflexo disso está nos números. A comissão técnica acompanha o rendimento de cada atleta dentro de campo com um GPS fixado no calção. E na maioria dos jogos, Ganso está entre os que mais correram. “Futebol hoje mudou muito. É muito mais correria, muito mais contato físico do que qualidade técnica. Então a gente tem que se adaptar a isso e se eu tiver 100% neste aspecto de estar correndo, de estar com agilidade e com mobilidade na técnica, com certeza eu vou superar o adversário. Vou estar sempre na frente”, sentencia. “Futebol, na minha visão, é muito mais qualidade técnica, muito mais um passe, um drible, uma finalização bonita, que um carrinho ou uma correria maluca dentro de campo. O pessoal cobra bastante porque sabe a qualidade que eu tenho”, acredita.

A tática adotada pelo técnico Muricy Ramalho obriga Ganso a se modernizar. Não basta ser apenas o meia criativo, capaz de resolver qualquer jogo numa única jogada. É preciso ser mais participativo. “Hoje estou adaptado, tanto que a gente joga com duas linhas de quatro e eu jogo aberto na direita ou na esquerda. Antes, a gente jogava com dois meias que não precisavam marcar. Hoje tem que voltar para marcar e acompanhar o lateral até a defesa e isso dificulta muito. Futebol de hoje é assim e a gente tem que jogar da maneira que é”.

Ídolos no futebol

A saída parece ser juntar as características dos jogadores que foram ídolos de infância de Ganso. “O Alex era a minha grande inspiração e depois surgiu o Kaká também. São dois caras que eu praticamente parava para assistir e sempre foram exemplos de jogadores para mim”, conta o camisa 10, que sabe que é muito mais parecido dentro de campo com o ex-craque que brilhou no Palmeiras, no Cruzeiro e no Coritiba. “Por ser canhoto e por ser mais clássico. O Kaká eu sou admirado pelas arrancadas que ele dava, pela qualidade técnica. Tenho um pouco de cada, mas sou mais parecido com o Alex”, acredita.

Apesar da semelhança, Ganso teve pouco contato com Alex. O conheceu quando o enfrentou depois que o ídolo foi jogar no Coritiba, último clube da carreira. Mas com Kaká a relação foi diferente. Os dois jogaram juntos no São Paulo no segundo semestre do ano passado. “Foi um momento único na minha carreira, porque com certeza não vou ter mais essa oportunidade. É um cara que eu admiro como jogador e como pessoa. Vou guardar para sempre na minha memória. No começo a ficha não caiu, porque estava jogando ao lado de um cara de quem sou fã incondicional”.





A escolha pelo SPFC

A oportunidade de jogar ao lado de Kaká foi um dos objetivos que Ganso pôde realizar proporcionados pelo São Paulo. Mas o principal foi poder voltar a jogar livre das lesões que tanto o importunaram na época do Santos. “Em 2013 e em 2014 cheguei perto da marca de 70 jogos. Nem na época do Santos, quando ganhamos vários títulos, joguei tanto. É uma marca muito importante e mostra a estrutura que o clube tem e a qualidade que eles me colocaram para atuar no futebol”.

Mas esse não foi o único motivo que fez Ganso trocar o Santos pelo São Paulo no final de 2012. “Quando estava naquela especulação, os torcedores que eu encontrava já pediam para eu assinar logo. Foi importante demais. Decidi pela grandeza do clube e pela torcida querer tanto a minha presença. Eles me abraçaram e tento retribuir o carinho jogando bem, mostrando toda a qualidade e dando alegria para eles”, afirma o craque.

Voltar para a Seleção

E quanto mais alegrias Ganso der ao torcedor são-paulino, mais chances terá de voltar à Seleção Brasileira. Convocado pela primeira vez em 2010, o jogador não teve a sequência que esperava por causa da série de lesões. A última vez que foi chamado foi em 2012 e de lá para cá tenta provar no Tricolor que merece uma chance do técnico Dunga.

“Procuro fazer o meu trabalho. O foco principal é ajudar o São Paulo. Tenho vontade de retornar para a Seleção um dia, mas tenho que fazer o meu melhor pelo São Paulo. Na hora em que eu estiver super bem no clube, o retorno vai ser natural”, acredita.



C A M A R O T E



ESTÁDIO DO MORUMBI

O lugar ideal no MORUMBI para eventos, jogos e shows



Camarote Stadium
Praça Roberto Gomes Pedrosa, 01 Estádio do Morumbi Portão 17
+11 2387 3575 atendimento@camarotestadium.com.br



Nunca fomos rebaixados

O que de fato ocorreu no Campeonato Paulista de 1990

Por Michel Serra



**JORNALISTAS
CONCORDAM: O SÃO
PAULO NUNCA FOI
REBAIXADO**

Certas coisas não podem ser esquecidas. E certas mentiras devem ser combatidas e reveladas.

O São Paulo foi mal no Paulistão de 1990. É uma verdade. Terminou na 15ª colocação em um torneio com 24 times. Uma anormalidade nunca antes vista e jamais repetida. Porém, a história é essa e termina aí. Em 1991 a vida seguiu normalmente, com o Tricolor vitorioso.

Não existiu rebaixamento. Não existiu “virada de mesa”. Não existiu coisa alguma diferente do prescrito pelo regulamento da competição. Diz o parágrafo 2º do artigo 50º dele: “No campeonato paulista da primeira divisão de futebol profissional de 1990, não haverá descenso à divisão especial de futebol profissional”.



Estádios vazios na repescagem: média de público de 1 954 torcedores

SÃO PAULO FRACASSA NA REPESCAGEM

DE MARCHA À RÉ

Na mesma quarta-feira em que o país inteiro se preparava para ver o Brasil vencer a Escócia por 1 x 0, dia 20, o São Paulo entrou em campo para massacrar o Noroeste por 6 x 1. A vitória foi assistida por 247 pagantes, menor público nos trinta anos do Morumbi. Mas não serviu para classificar o tricolor na repescagem. "Encontramos nosso time numa situação lastimável", acusa o diretor Fernando Casal de Rey, há dois meses no cargo. "Jogadores como Renatinho tiveram reajustes de 500%

para voltar a ter um dia-a-dia normal." A antiga diretoria rebate dizendo que os salários seriam devidamente reajustados após o vencimento de cada um. "A espinha dorsal do São Paulo, como Gilmar, Zé Teodoro e Raí, esperava ser chamada para a Seleção ou se transferir para o exterior", arrisca o ex-diretor Rudolph Sprenger. "A decepção refletiu-se em campo."

Com erros e acusações de ambas as partes, o decantado "time da década" iniciou os anos 90 na marcha à ré. Desde a final do Campeo-



NELSON COELHO

Nelsinho provoca a torcida: hora de sair

nato Brasileiro do ano passado, oito jogadores do time principal somaram um total de quinhentos dias no departamento médico, por contusões. Os mais velhos de casa, como Nelsinho, Renatinho e Zé Teodoro, esperam por uma transferência. "Chegou a hora", decreta o lateral Nelsinho, que não passou

um só jogo da repescagem sem receber vaia dos torcedores. Longe do título, o tricolor quer voltar a reinar ainda no segundo semestre. "O lema é vida nova", resume Casal de Rey.

PAGANDO PARA JOGAR

Após disputar dez jogos, Guarani e Botafogo se classificaram na repescagem e brigaram pelo título paulista. Mas deixaram para trás muitos prejuízos. "Ao aprovar o regulamento, jamais imaginava ver o Bugre na repescagem", confessa o vice-presidente do clube, Samuel Rossilho. A média de público das sessenta partidas chegou a 1 954 pessoas. No-

roeste x Santo André, por exemplo, teve 47 testemunhas. Até agora, o time do ABC não sabe como pagar o bicho de 5 000 cruzeiros da vitória contra o São Paulo. "Gastamos 200 000 cruzeiros só para entrar em campo. Foi uma experiência amarga", afirmou o diretor Vítor Rosa.

Imagem da Revista Placar. A reportagem é de depois da desclassificação do Tricolor no Paulista de 1990 e em nenhum momento a revista fala sobre rebaixamento".

O regulamento, aprovado - claro - antes do início do campeonato de 1990, mais precisamente no Conselho Arbitral realizado em 7 de dezembro de 1989, também molda o campeonato de 1991 com o artigo 50, parágrafo 1º: "Para o Campeonato da Primeira Divisão de Futebol Profissional de 1991, o Grupo I Será constituído pelas 14 (catorze) associações classificadas para disputar a Quarta Fase do Campeonato de 1990, e o Grupo II será constituído pelas 10 (dez) associações restantes, que não se classificaram para a Quarta Fase e mais as 4 (quatro) advindas do Acesso da Divisão Especial de 1990".

Entenda por Divisão Especial a tradicional 2ª Divisão. Ou seja, como não havia rebaixamento, obviamente, ninguém caiu. Mais além, para que o São Paulo FC estivesse nessa leviana lista de descenso, outros 9 clubes deveriam ser rebaixados, já

que, de 24, o Tricolor foi o 15^o. Fora o fato que, desde 1988, o Paulistão teve a fase inicial formada por 2 grupos, do mesmo modo que em 1991, com todos os clubes lutando pelo título. Também desde 1988 nenhum clube foi rebaixado! 1988 contou com 20 clubes, 1989 com 22, 1990 com 24 e 1991 com 28!

É importante observar as datas e as principais fontes do período. Na véspera da abertura do Campeonato (27/01/1990), a Folha de S. Paulo destacou: “Novamente ninguém cai para a Divisão Especial. Em 91, o Paulista terá 28 participantes... Com poucas exceções, o objetivo dos times ‘pequenos’ é ficar entre os 14 primeiros, que formarão o grupo I do campeonato de 1991. Neste grupo deverão ser registradas as maiores rendas, já que provavelmente será integrado pelos clubes da capital”. Vale notar que a preocupação era com finanças e não com rebaixamento, que não havia.

Campeonato Paulista de 90 pode ter partidas durante a Copa do Mundo

Da Reportagem Local

O Campeonato Paulista de 90 poderá ter jogos durante a Copa do Mundo. Uma fórmula confusa, com várias fases, repescagem e sem rebaixamento foi apresentada ontem pela Federação Paulista de Futebol em reunião do conselho pré-arbitral dos clubes da Primeira Divisão. A fórmula definitiva só será aprovada em dezembro. O presidente do Corinthians, Vicente Matheus, 81, foi contra. “Não entendi nada”, disse, após o encontro.

Pela proposta apresentada, o campeonato começa dia 27 de janeiro com 24 clubes (os 22 do

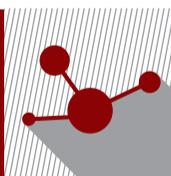
ano passado mais dois que sobem, este ano da Divisão Especial). Os times serão divididos em dois grupos de 12. No grupo A ficam os 12 classificados na segunda fase do campeonato de 88. Num primeiro turno, os clubes do grupo A jogam contra os times do grupo B. No segundo turno, os times jogam entre si, dentro do grupo. Classificam: os três primeiros de cada grupo mais seis por índice técnico (pontos ganhos). A fase acaba em 13 de maio, quando começa a preparação da seleção para a Copa.

Os 12 clubes eliminados vão disputar, durante o Mundial da Itália, uma repescagem. Eles

serão divididos em dois grupos de seis. Os jogos serão dentro da chave. Os vencedores do grupo também se classificam à segunda fase, que terá 14 clubes. Eles começam a jogar a fase semifinal dia 15 de julho, divididos em dois grupos de 7, com jogos dentro do grupo. Os vencedores de cada grupo decidem o título.

Não haverá rebaixamento e, em 91 (ano de eleição na FPF), o Campeonato Paulista terá 28 clubes. Além dos 24 que vão disputar o torneio no ano que vem, mais quatro times vão subir da Divisão Especial. Assim, o campeonato ficará sem o descenso pelo terceiro ano consecutivo.

*Recorte de reportagem
da Folha de S. Paulo*



**VEJA O REGULAMENTO
NA ÍNTEGRA**

Em termos jurídicos, conforme a resolução 17/1986 do Conselho Nacional de Desportos – entidade máxima do esporte no Brasil naquele período (Decreto-Lei 6251/1975) – somente o conselho arbitral, e as normas e regulamentos por ele impostos, tinha poder sobre os modelos e especificidades de cada competição. A decisão não cabia mais exclusivamente às Federações. Tudo era decidido pelo colegiado de clubes que formava o conselho arbitral (cada clube possuía um peso diferente e número de votos equivalente ao peso).

CAMPEONATO PAULISTA

FUTEBOL EM DÚZIAS

São 24 clubes correndo atrás da bola até setembro. Por mais que os cartolas inventem, outra vez a arte dos craques e a paixão dos torcedores falarão mais alto em São Paulo

O 89.º Campeonato Paulista da história tem, para variar, um regulamento digno de um gênio do mal (*leia na pág. 14*). E, para piorar, o sonho megalomaniaco do presidente da Federação, Eduardo Farah, ainda desta vez pariu uma competição sem descenso. Como se não bastasse, as primeiras fases valem pouco, quase nada.

Enão, os grandes clubes esperam o desenrolar do Campeonato para verificar se precisam de reforços e os demais relaxam, certos de que não cairão. É claro que há exceções, como poderá ser verificado nas páginas seguintes. E há, também, a velha paixão do torcedor, capar de sobreviver às invenções diabólicas dos cartolas e à pouca coragem dos clubes grandes, que aceitam fórmulas estapafúrdias.

O palmeirense, por exemplo, tem uma obsessão que prevalece sempre: quer porque quer o título estadual que conquistou 18 vezes e não comemora há 13 anos. Desde a fundação, em 1914, aliás, a década dos 80 foi a primeira passada em branco pelo Verdão. Mas os 90 estão aí.

E tem, também, a ousadia dos clubes do rico interior paulista, dispostos a repetir a façanha da Internacional de Limeira, campeã de 1986.

Por isso, e apesar de tudo, nada impede que tenhamos bom futebol desde a primeira rodada — que será inaugurada neste próximo sábado. Porque, afinal, a tranquilidade que a fórmula pouco competitiva permite aos 24 clubes participantes pode, contraditoriamente, favorecer o futebol bem jogado e sem violência.

E o que desejamos.



O tricolor confia na estrutura e na experiência de craques como Rai

SÃO PAULO

TRANQUILIDADE DE CAMPEÃO

Em qualquer outro clube a lista de problemas que envolve o São Paulo deixaria dirigentes, jogadores e, principalmente, torcedores bem apreensivos. Afinal, os contratos de craques importantes como o goleiro Gilmar, o lateral Nelson e o volante Bernardo não haviam sido renovados até o fim da semana passada. Outra estreia, o ponta Edivaldo, preferiu ir para o Puebla, do México. E o técnico Carlos Alberto Silva já avisou que só fica no Morumbi até abril.

Essas histórias todas, no entanto, pouco preocupam o sãopaulino. Em 1989, ele viu o clube começar o ano metido em problemas parecidos e, como todos lembram, o tricolor chegou ao fim da temporada campeão estadual, vice-brasileiro e com o indiscutível título de time paulista da década.

Por isso o impassível diretor de futebol Marcelo Portugal Gouveia vencedora dos anos 80. Se algum ídolo deixar o clube, a ordem é apostar em valores cascosos como Renato, Anselmo e Cafu. Perder o técnico no meio do campeonato também não assusta a quem tem direção para escolher entre os melhores nomes do mercado.

Além disso, num campeonato cheio de fases iniciais quase sem valor, o São Paulo sabe que terá tempo para se armar. E os cartolas confiam na experiência de Ricardo Rocha, Rai e Bobô para manter a sina de time de chegada. Pois, no Morumbi, não importam os meios, mas sim os fins.

PLACAR 26 01 1990

CAMPEONATO PAULISTA

mes que estão neste grupo intermediário, aparece a Ferroviária. Ela andou meio fora dos trilhos na última temporada, com desempenhos abaixo de suas tradições, mas promete se recuperar da má fase. Apenas cinco jogadores escaparam da virada de mesa realizada no clube. A diretoria investiu 700 000 cruzados novos na contratação de nove jogadores — entre eles, o promissor zagueiro Olavo.

OS PEQUENOS

A ORDEM É ECONOMIZAR

As se deparar com um Campeonato Paulista longo e complicado e ainda em ano de Copa do Mundo, o diretor de futebol do Juventus, Roberto Archina, anteviu um cenário com estádios vazios e rendas fraquíssimas. "Então nós vamos gastar dinheiro com reforços para quê?", perguntou, numa indagação que ecoou nos ouvidos e bolsos de outros dirigentes.

Assim, aproveitando a extinção do descenso, nove clubes, entre eles o próprio Juventus, adotaram a lei da inércia futebolística e resolveram "deixar tudo como está para ver como é que fica". Ou seja, nada de loucuras nas contratações.

O XV de Jai levou a ordem a sério. "A equipe vai ser a mesma do ano passado", avisou o gerente de futebol Ângelo Gabriel dos Santos, que, para economizar ainda mais, pretende dispensar 15



Sem o descenso, times como o Juventus decidiram não investir em contratações, preferindo esperar o andamento do campeonato

dos 45 jogadores do elenco. Outro que adota a mesma filosofia maquiavélica é a Catanduvense. Enquanto o modestíssimo time tentará fugir dos vestaltes no campeonato, os cartolas desviarão todos os cruzados novos para a reforma do Estádio Silvio Sales.

As obras no próprio estádio também são a justificativa do América. Mas até que os torcedores de São José do Rio Preto puderam comemorar a chegada de alguns reforços, entre eles o veterano ponta Marinho. "Gastamos 300 000 cruzados novos", explica o presidente Benedito Teixeira. "Era o máximo."

Infeliz do técnico Norberto Lopes, do Noroeste, que nem is-

so teve. As vésperas da estreia contra o Corinthians, ele se impacienta com a falta de contratações. "Sem um reforço, não dá nem para começar", argumenta.

Ironicamente, Formiga, treinador do Santo André, vive a mesma penúria de reforços, mas não reclama. Encantado com o bom desempenho do time de juniores na Taça São Paulo, o técnico vai montar uma equipe bem a seu gosto, com muitos valores juvenis. "Vamos confiar no talento dos garotos", justifica Formiga. A ideia de valorizar os juniores — uma política muito econômica, por sinal — também encontra defensores no Botafogo.

Com a saída de Sócrates, que preferia ficar longe do futebol neste ano, o clube perdeu sua única estrela. "Para manter um bom nível, foi preciso reestruturar a equipe", afirma o técnico José Galle Neto.

Já o Mogi-Mirim preferiu apostar na experiência — sem grandes despesas, é claro. Trouxe o técnico Pedro Rocha e o goleiro Moacir, ex-Ponte Preta e Portuguesa. Enquanto isso, no Novorizontino, o técnico Nelson clama por três meias e dois pontas. Ele quer formar um time ofensivo. "Como não tem rebaixamento, os times pequenos podem se dar a esse luxo", analisa. Bem, pelo menos isso.

UM REGULAMENTO DO OUTRO MUNDO

O mistico Campeonato Paulista, que começa no próximo dia 27 com o jogo Noroeste x Corinthians, será disputado por 24 clubes em cinco fases. Tem de entender sua fórmula estranha. Na primeira fase, os times serão divididos em dois grupos. O I será formado pelas dez equipes mais bem classificadas no Campeonato Paulista de 1989 (São Paulo, São José, Corinthians, Botafogo, Santos, Mogi-Mirim, Palmeiras, Novorizontino, Portuguesa, União

São João, Gzarani e Interacional) e o II pelas demais (XV de Piracicaba, XV de Jai, Juventus, Catanduvense, São Bento, Ferroviária, Santo André, América, Noroeste, Botafogo, Ponte Preta e Juazeiro). Como nos dois anos anteriores, não haverá rebaixamento.

Na primeira fase, os clubes do Grupo I jogam contra os do II. Na segunda, só se confrontarão dentro do próprio grupo. Os três melhores times de cada chave classificam-se para a quarta fase — a terceira é a repreciação —, que será disputada ainda pelos seis participantes que conseguirem melhor índice técnico — maior número de pontos — na coleçãoção geral, num total de dez times. Os que mesmo assim não con-

segurem se classificar terão sua última chance na repreciação, que será disputada durante o período da Copa do Mundo. Nesta, os outros dez clubes serão divididos em dois grupos de seis, com jogos de turno e retorno somente dentro da própria chave. Terão direito a continuar no Paulista apenas os primeiros colocados de cada grupo.

Os casacaos clubes da quarta fase serão divididos em duas séries: a "Vermecha" e a "Preta", que jogarão entre si, dentro da própria série, em turno e retorno. Finalmente, o primeiro da série "Preta" disputará a fase final. As equipes jogarão entre si, em ida e volta, sagrando-se campeão paulista a que obter maior número de pontos ape-

nas nessas duas partidas. No caso de igualdade no tempo normal e na prorrogação, os critérios de desempate são, pela ordem: maior número de vitórias, melhor saldo de gols, confronto direto e menor número de gols sofridos. Se mesmo assim persistir o empate, haverá um sorteio público, na sede da Federação, para definir o campeão. Curiosamente os dois finalistas podem não ser os representantes de São Paulo na Copa do Brasil. As vagas serão preenchidas pelo primeiro colocado do Grupo I e pelo primeiro colocado do Grupo II, ao final da segunda fase. Assim, pelo menos uma equipe considerada pequena terá sua chance garantida na Copa do Brasil de 1991.

Ou seja, somente duas coisas tinham poder para influir no modelo do campeonato de 1991 — e se um clube cai ou não: O regulamento (e consequente conselho arbitral que o aprovara anteriormente) da edição de 1990, e o conselho arbitral de 1991. Para o São Paulo, o Campeonato Paulista de 1990 se encerrou em 20 de junho daquele ano. Até essa data, obviamente, não havia sido realizado nenhum conselho arbitral da competição do ano seguinte. Logo, ao fim dessa fase, o regulamento de 1990 regia soberanamente.

É dito isso, pois, de acordo com a resolução 05/1988 do mesmo CND, um colegiado de clubes do conselho arbitral poderia decidir, caso tivesse 80% dos votos qualitativos, a exclusão de alguns de seus pares do torneio, mesmo em detrimento do regulamento anterior.

Pois bem, o conselho arbitral de 1991 somente foi realizado em 12 de junho de 1991 (naquela temporada, o Campeonato Brasileiro foi no primeiro semestre) e ele fez valer o regulamento de 1990. Todas as declarações de presidentes, treinadores, jogadores e da imprensa de modo geral que se referem a rebaixamento do Tricolor entre as duas datas são distorcidas ou desconectadas da realidade — às vezes por má fé, às vezes por ingenuidade —, pois nenhuma delas tem a legitimidade dos conselhos arbitrais (e seus regulamentos).

UM REGULAMENTO DO OUTRO MUNDO

O maluco Campeonato Paulista, que começa no próximo dia 27 com o jogo Noroeste x Corinthians, será disputado por 24 clubes em cinco fases. Tente entender sua fórmula esdrúxula. Na primeira fase, os times serão divididos em dois grupos. O I será formado pelas doze equipes mais bem classificadas no Campeonato Paulista de 1989 (São Paulo, São José, Corinthians, Bragantino, Santos, Mogi-Mirim, Palmeiras, Novorizontino, Portuguesa, União

São João, Guarani e Internacional) e o II pelas demais (XV de Piracicaba, XV de Jaú, Juventus, Catanduvense, São Bento, Ferroviária, Santo André, América, Noroeste, Botafogo, Ponte Preta e Ituano). Como nos dois anos anteriores, não haverá rebaixamento.

Na primeira fase, os clubes do Grupo I jogam contra os do II. Na segunda, só se confrontarão dentro do próprio grupo. Os três melhores times de cada chave classificam-se para a quarta fase — a terceira é a repescagem —, que será disputada ainda pelos seis participantes que conseguirem melhor índice técnico — maior número de pontos — na colocação geral, num total de doze times. Os que mesmo assim não con-

seguirem se classificar terão sua última chance na repescagem, que será disputada durante o período da Copa do Mundo. Nella, os outros doze clubes serão divididos em dois grupos de seis, com jogos de turno e retorno somente dentro da própria chave. Terão direito a continuar no Paulistão apenas os primeiros colocados de cada grupo.

Os catorze clubes da quarta fase serão divididos em duas séries: a "Vermelha" e a "Preta", que jogarão entre si, dentro da própria série, em turno e retorno. Finalmente, o primeiro da série "Vermelha" e o primeiro da série "Preta" disputarão a fase final. As equipes jogarão entre si, em ida e volta, sagrando-se campeã paulista a que obtiver maior número de pontos ape-

nas nessas duas partidas. No caso de igualdade no tempo normal e na prorrogação, os critérios de desempate são, pela ordem: maior número de vitórias, melhor saldo de gols, confronto direto e menor número de gols sofridos. Se mesmo assim persistir o empate, haverá um absurdo sorteio público, na sede da Federação, para definir o campeão. Curiosamente os dois finalistas podem não ser os representantes de São Paulo na Copa do Brasil. As vagas serão preenchidas pelo primeiro colocado do Grupo I e pelo primeiro colocado do Grupo II, ao final da segunda fase. Assim, pelo menos uma equipe considerada pequena terá sua chance garantida na Copa do Brasil de 1991.

PLACAR 26/01/1990

Matéria Complementar: A verdade sobre o campeonato paulista de 1990.
Artigo de Alexandre Giesbrecht

O descrédito daqueles que falam em rebaixamento

Desta maneira, de nada vale a reportagem da Folha de S. Paulo (o mesmo jornal que no início de 1990 disse que não haveria rebaixamento) dar voz ao presidente em exercício da FPF, Antoine Gebran, na reportagem de 19 de junho de 1990, com um texto ambíguo e que contradiz o notório regulamento publicado meses antes, afirmando que o São Paulo seria rebaixado e que o Campeonato de 1991 seria assim ou assado, sendo que nem ele, nem ninguém na FPF, tinha respaldo jurídico algum para impor essas condições. Não era ele quem tinha poder para decidir isso, ainda mais indo contra o regulamento que, sim, tinha embasamento legal.

Ao contrário do que dizem, caso um rebaixamento forçado por terceiros ocorresse é que seria, de fato, uma virada de mesa. Aqueles que defendem ou defendiam isso é que pregam ou pregavam o futebol decidido na canetada. Pois bem, o conselho arbitral de 1991 manteve a ordem e o que foi instituído no regulamento de 1990 e o São Paulo não sofreu esse golpe.

Além disto, tudo é lenda (ou má fé). E ponto final.



Gastronomia & Pizza

Você sabia que tem pizza no Estádio do Morumbi?

Participe da Promoção
VOU NO COPA

com a hashtag

#PizzaEstadioMorumbi

E GANHE na compra de
uma pizza grande,
UMA PIZZA DOCE BROTINHO.

< Clique aqui para participar >

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

Pizzaria

Terça a Domingo
19h às 23h

Delivery Pizza

Terça a Domingo
19h às 23h

Almoço

Segunda a Sexta • 12h às 15h
Sábado e Domingo • 12h às 16h

Estádio do Morumbi - Portão 5

Praça Roberto Gomes Pedrosa, 01

Estacionamento Gratuito (Exceto em dias de jogos no Morumbi)

11 2613-0860
11 2613-0890

Futebol Feminino

A história do São Paulo FC com o futebol feminino é antiga, embora comece de forma indireta. Ainda assim é pioneira, como manda a tradição no Tricolor

Por Michel Serra

Conforme apontado por Thomaz Mazzoni (comentarista esportivo), em 1940, em uma preliminar do amistoso São Paulo e Flamengo, entraram no campo do Pacaembu as equipes femininas do Brasileiro e do Cassino Realengo, ambas do Rio de Janeiro. Em outra obra sobre o futebol, José Witter (Breve História do Futebol Brasileiro) também ressalta o vanguardismo do Tricolor: “Cercado de preconceitos, o esporte não chegou a se firmar entre as mulheres, mas a partir de 1981 formaram-se várias equipes femininas em clubes como São Paulo, Guarani, América e outros”.

De fato, foi nos anos 80 que equipes femininas despontaram. Do São Paulo restaram alguns poucos registros, como a participação do clube na Taça São Paulo de 1983, da Secretaria Municipal de Esportes (em que terminou na 3ª colocação).

O cenário começou a mudar quando o Mundo despertou para o futebol feminino. Em 1991, foi organizada pela FIFA a primeira Copa do Mundo da categoria. Cinco anos depois, o evento passou a fazer partes dos Jogos Olímpicos e o Brasil esteve presente desde o início em ambas. Por esta “demanda”, CBF e FPF começaram a organizar oficialmente campeonatos. Em 1997, surgiu o Paulistana, o primeiro torneio feminino com transmissão ampla por rede de televisão. Neste ponto, começa a história grandiosa do Tricolor nessa modalidade.





O primeiro elenco dessa nova era do futebol feminino no São Paulo foi praticamente importado da prestigiosa equipe do Saad, de São Caetano do Sul, que em sua época já era a base da Seleção Brasileira. Sissi e Kátia Cilene, eram as principais jogadoras do time.

Nesse primeiro ano foram realizados 32 jogos, dos quais o Tricolor empatou somente dois e perdeu outros dois, com 199 gols marcados e somente 22 sofridos. A maior goleada foi contra o Ativa, de Campo Grande, pelo torneio local: 21 a 0. O São Paulo venceu todos os quatro campeonatos que disputou nesse ano: Torneio de Campo Grande, Campeonato Paulista, Torneio da Primavera e o Campeonato Brasileiro – esse, por sinal, conquistado com 100% de aproveitamento.

Em 1998, as goleadas implacáveis de Sissi e cia continuaram, mas o Tricolor encontrou um rival à altura: a Lusa Sant'Anna. Daquele ano até o fim desta fase do futebol feminino, no começo de 2000, as únicas



Sissi – A primeira grande jogadora de futebol brasileira. Carregou a seleção nas costas nas Copas do Mundo de 1995 e 1999 (3º lugar em ambas, e artilheira da última) e nos Jogos Olímpicos de 1996 e 2000. Sissi atuou no São Paulo em um período de vacas magras da equipe masculina. Assim, com o maior expoente do futebol de sua época, a torcida gritava por seu nome para que jogasse com a 10 entre os homens.



Kátia Cilene – Alta e veloz. Praticamente um Chulapa, não somente por esses atributos, mas principalmente pelo seu faro de gol. Artilheira nata: só em 1997, sua melhor temporada, marcou 57 gols em 27 jogos. Estima-se que tenha feito mais de 200 gols em sua passagem pelo clube.

duas derrotas do São Paulo em competições oficiais foram para esse adversário. E foram exatamente esses jogos perdidos que custaram os títulos do Paulista e Brasileiro de 1998. (Em 2000, o time foi eliminado no Brasileiro, mas dessa vez nos pênaltis).

No ano seguinte, 1999, o Tricolor voltou a ser campeão. Primeiramente da Copa Eduardo José Farah, realizada em Cubatão. Depois, venceu também o Paulistana, novamente com 100% de aproveitamento. Em verdade, o São Paulo terminou o ano de 1999 invicto em todas partidas oficiais.

Apesar do bom desempenho do time nessa época, em março de 2000 o time foi descontinuado devido alguns problemas estruturais do futebol feminino. No ano seguinte, e em 2005, o São Paulo tentou recompor a equipe, porém sem alcançar o mesmo sucesso de outrora. Agora, após 10 anos, o Tricolor volta com força total para os campos.





Jogos em abril

Campeonato Paulista

05.04	16h00	BOTAFOGO RP X SÃO PAULO
08.04	22h00	SÃO PAULO X PORTUGUESA
11 ou 12.04	-	QUARTAS DE FINAL - A DECIDIR
18 ou 19.04	-	SEMIFINAL - A DECIDIR
26.04	-	FINAL - A DECIDIR

Copa Libertadores da América

01.04	19h45	SAN LORENZO X SÃO PAULO
15.04	22h00	DANÚBIO X SÃO PAULO
22.04	22h00	SÃO PAULO X CORINTHIANS

Destaque do Mês – São Paulo e Corinthians

	Jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	Gols Marcados	Gols Sofridos	Saldo de Gols
Todos os Jogos	322	100	101	121	443	467	-24
Campeonato Paulista	154	52	53	49	220	195	25

	Pontos Ganhos	Aproveitamento dos Pontos	Aproveitamento Vitórias	Média Gols Marcados	Média de Gols Sofridos
Todos os Jogos	401	41,51	31.05%	1,38	1,45
Campeonato Paulista	209	45,24	33.76%	1,43	1,27

Primeiro jogo: Corinthians 2 X 1 São Paulo (25/5/1930).

Primeira vitória do São Paulo: São Paulo 4 X 1 Corinthians (10/1/1932).

Maior goleada a favor: São Paulo 6 X 1 Corinthians (10/9/1933).

Maior goleada contra: Corinthians 5 X 0 São Paulo (10/3/1996 e 26/6/2011).

Maior invencibilidade: 14 jogos (2003 a 2007: nove vitórias, cinco empates).

Maior sequência sem vitória: 12 jogos (1976 a 1979: oito derrotas, quatro empates).

Maior série de vitórias: seis jogos (1932 a 1934).

Maior série de derrotas: seis jogos (1976 a 1977).

Curiosidades Históricas

- O São Paulo é o maior carrasco dos técnicos do Corinthians. Catorze treinadores alvinegros foram mandados embora do cargo (ou pediram demissão) depois de perderem para o Tricolor.
- O São Paulo já livrou o Corinthians de disputar a Segunda Divisão, isto aconteceu no Campeonato Paulista de 2004. Na última rodada da primeira fase, precisando vencer para escapar do rebaixamento, o time do Parque São Jorge perdeu, no Pacaembu, para a Portuguesa Santista, 1 X 0. Como o Tricolor derrotou o Juventus por 2 X 1, com gols de Grafite, quem caiu foi o clube da Rua Javari.
- Em 1972, 1986, 1987 e 2002 o São Paulo teve o artilheiro do Brasileirão. O Corinthians nunca conseguiu esse feito.

Figurinhas de Março

Jogadores que se destacaram nos jogos do Tricolor em oito quesitos distintos de avaliação. Confira os números.



O PRIMEIRO
E ÚNICO
ESTÚDIO
DE GRAVAÇÃO
PROFISSIONAL
DENTRO DE
UM ESTÁDIO
DE FUTEBOL
NO MUNDO.

Estúdio
Camarote Corporativo
Espaço para Eventos



audioarena.com.br - 55 11 2894 5900







Torcedor VIP

Conheça as opções que os Tricolores têm à disposição para assistir aos jogos com todo o conforto e comodidade.

Se você quiser assistir a um jogo do São Paulo na companhia de um ídolo Tricolor, ou ainda desfrutando de muita comodidade, comida e bebida à vontade, e ainda com segurança total, fique tranquilo. Opções não faltam! O estádio do Morumbi está repleto de locais diferenciados para atender você torcedor, da melhor maneira possível. Duas dicas, importantes: o preço dos pacotes varia de jogo para jogo e as vendas são feitas antecipadamente. Portanto, programe-se com antecedência. Conheça aqui as opções e serviços oferecidos por cada um deles, escolha o de sua preferência, bom jogo e boa diversão!





spfc
inside